



**NEOCOLONIALISMO E A “OUTRA FACE” DA NAÇÃO: AS EXIBIÇÕES DE PRIMITIVOS DO SUL DO CONTINENTE LATINO-AMERICANO NO CHILE (1873) E ARGENTINA (1898)\***

NEO-COLONIALISM AND THE ‘ORTA CARA’ OF NATIONS: THE EXHIBITION OF INDIVIDUALS HAILING FROM THE SOUTH OF THE LATIN AMERICAN CONTINENT IN CHILE (1873) AND ARGENTINA (1898)

Autora: Marzia Rosti\*\*

Tradutora: Liriana Zanon Stefanello\*\*\*

**Resumo:** Na segunda metade do Séc. XIX, as Exposições Universais representaram, para os Estados latino-americanos, a oportunidade de apresentar-se à comunidade internacional como nações que haviam superado a instabilidade político-institucional das primeiras décadas da independência e, como sociedade branca e homogênea, pronta para receber imigrantes, capitais e tecnologias. Alguns estudos têm reconstruído como algumas destas manifestações – organizadas na Europa, nos Estados Unidos e também na América Latina – se entrelaçaram com a prática de exibir indivíduos expoentes de uma nacionalidade “não europeia” e, portanto, considerada selvagem, bárbara e inferior em contraposição ao progresso e a civilização ali exposto. O presente artigo ilustra os primeiros resultados de uma pesquisa que identificou duas exposições deste último gênero – em 1873, no Chile, a Exposição Histórica e Colonial, e, em 1898, na Argentina, a Exposição Nacional da Indústria - que na verdade tiveram como protagonistas expoentes daquelas populações que ainda habitavam o extremo sul do continente latino-americano.

**Palavras-chave:** Argentina, Chile, exposições universais e de indígenas.

---

\* Texto original e inédito recebido em italiano.

**Para citar este texto:** ROSTI, Marzia. Neocolonialismo e a “outra face” da nação: as exposições de primitivos do sul do continente latino-americano no Chile (1873) e Argentina (1898). Tradução de Liriana Zanon Stefanello. **Revista Latino-Americana de História**, v. 6 n 17 (Especial), p. 59-79, julho, 2017. Tradução de Neocolonialismo y la ‘otra cara’ de la nación: las exhibiciones de originarios del sur del continente latinoamericano en Chile (1873) y Argentina (1898).

\*\* Licenciada em Ciências Políticas, com doutorado em Sociología del Derecho y Profesora de Historia e Instituciones de América Latina en la Università degli Studi di Milano. E-mail: marzia.rosti@unimi.it.

\*\*\* Doutora em História pela Unisinos e em Lingue Culture e Societá Moderne, pela Universidade Ca`Foscari de Veneza. Professora do Colégio Franciscano Sant`Anna. E-mail: lirianazs@yahoo.com.br.



**Abstract:** In the second half of the 19th century, Universal Expositions gave Latin American States the occasion to present themselves to the international community as nations that overcame the political and institutional instability typical of the first decades since their independence and as white and homogeneous societies ready to welcome immigrants, capitals and technologies. Some studies reveal that some of these exhibitions - organized in Europe, the United States and Latin America too - showed 'non-European' individuals as samples of a savage, barbaric and inferior humanity in contradiction with the civilization and development also displayed. This paper presents the first results of a research on two such exhibitions - the *Exposición Histórica del Coloniaje* in Chile in 1873 and the *Exposición Nacional de la Industria* in Argentina in 1898 - which indeed had representatives of those populations who still inhabited the far South of the Latin American continent as protagonists.

**Key words:** Argentina, Chile, Universal Expositions, exhibitions of indigenous people

### **Introdução: A América latina e as Exposições Universais**

A prática de exibir indivíduos de uma nacionalidade “não europeia” e, portanto, considerada selvagem, bárbara e inferior não interessou só a Europa e os Estados Unidos entre os Séc. XIX e XX, mas também a América Latina. O presente artigo ilustra na verdade – sem pretender ser exaustivo – os primeiros resultados de uma pesquisa que identificou duas exposições deste gênero: em 1873, no Chile, a *Exposição Histórica e Colonial*, e, em 1898, na Argentina, a *Exposição Nacional da Indústria*, que tiveram como protagonistas expoentes daquelas populações que ainda habitavam o extremo sul do continente latino-americano. O trabalho se junta aos estudos e relatos relacionados a manifestações semelhantes, organizados na Europa e nos Estados Unidos entre os Séc. XIX e XX, e gostaria de indicar um caminho de pesquisa, talvez ainda pouco explorado, sobretudo na Itália, entre os latino americanistas (BANCEL *et al.* 2002; SOSA, 2006-2007; BÁEZ; MASON, 2004a y 2010b; BORRI, 2001; SCARZANELLA, 1995, VANGELISTA, 2008).

Quando em meados do Séc. XIX começaram-se a organizar as Exposições Universais, os países da América Latina tinham alcançado uma certa tranquilidade político-institucional e sobretudo a região estava entrando numa fase de crescimento econômico, centrada em exportações para a Europa de matérias primas, para a indústria, e agrícolas, para o consumo alimentar, e em importações de bens trabalhados da indústria europeia, em particular britânica, a qual agregavam-se fluxos de capitais ingleses e estadunidenses, necessários para criar a infraestrutura funcional ao desenvolvimento da economia de exportação e a expansão do mercado interno, enquanto nas principais cidades se abriam filiais de bancos e de sociedades financeiras, sobretudo inglesas.



Foi portanto natural o crescimento de interesse e de participação dos Estados latino-americanos nas Exposições Universais (LÓPEZ OCÓN CABRERA, 2002; GONZÁLEZ STEPHAN; ANDERMANN, 2006; DI LISCIA; LLUCH, 2009), consideradas, de um lado, a ocasião para entrar em contato com investidores estrangeiros e para conhecer as inovações tecnológicas necessárias ao próprio desenvolvimento e, de outro, uma vitrine para apresentar-se à comunidade internacional como nações que haviam superado a instabilidade político-institucional herdada das primeiras décadas de independência e como sociedade branca e homogênea pronta, portanto, para receber imigrantes, capitais e tecnologias. De fato, se na Grande Exposição de Londres em 1851 a participação foi limitada a “Flores de pluma, y a las alas de escarabajo del Brasil, tapioca, nuez moscada, cacao y esmeraldas de la Nueva Granada – es decir la actual Colombia – un gran pedazo de mineral de oro de Chile y maderas y obras de cera de México” (LÓPEZ OCÓN CABRERA, 2002, p. 114-115; HERRERA FERIA, 2009), já em Paris, em 1855, se contavam 142 expositores latino-americanos – entre os quais se destacavam os 107 do México, seguidos de 13 neogranadinos, 7 guatemaltecos, 6 argentinos, 4 brasileiros, 4 costa-riquenhos e 1 dominicano (LÓPEZ OCÓN CABRERA, 2002, p. 115) – que, na exposição universal de 1889, atingiram 5.000 em 55.000 do total de participantes (3.000 Argentina, 600 Guatemala, 425 Chile, 80 Equador e 16 Colômbia)<sup>1</sup> hospedados em belíssimos estandes (DEMEULENAERE-DOUYÈRE 2014), e que obtiveram mais de 10 % dos prêmios entregues<sup>2</sup> que foram frequentemente construídos sem cuidar a despesa, como por exemplo aquele argentino que “costó nada menos que 280 mil dólares, cuando el importe total de las importaciones de ese país en ese momento ascendía a 120 millones de dólares” (LÓPEZ OCÓN CABRERA, 2002, p. 120-121).

A crescente participação juntou-se a organização de parte dos mesmos Estados latino-americanos de outras tantas exposições com diferentes denominações e frequentemente dedicadas a determinados produtos ou setores. Portanto, nas sedes europeias e estadunidenses mais notórias a nós como, por exemplo, Londres (1851), Chicago (1893), Paris (1855, 1878 e 1889), Filadélfia (1876), Nova York e Saint Louis (1904), deve-se adicionar aquelas latino-americanas – menos notórias - do Rio de Janeiro (1861, 1866, 1875 e 1881), Santiago do

---

<sup>1</sup> Participaram Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Costa Rica, República Dominicana, Equador, Guatemala, Haiti, Honduras, México, Nicarágua, Paraguai, Peru, El Salvador, Uruguai e Venezuela (LÓPEZ OCÓN CABRERA, 2002, p. 110; BRAVO, 1890).

<sup>2</sup> De um total de 33.639, eles obtiveram 3.653, dos quais 873 os mexicanos, 670 os argentinos e 489 os brasileiros (Quadro 2. Prêmios recebidos pelos países latino-americanos na exposição universal de 1898, LÓPEZ OCÓN CABRERA, 2002, p. 110; No México TENORIO TRILLO, 1998).



Chile (1869 e 1875), Bogotá e Córdoba (1871), Lima e Buenos Aires (1877, 1882 e 1898), para recordar só de algumas, que – além de ser a ocasião para apresentar-se à comunidade internacional, entrar em contato com investidores estrangeiros e conhecer novas tecnologias – permitiram a nação organizadora reunir por mais dias, em uma única sede, uma grande quantidade de produtos nacionais com o fim “estratégico” de avaliar e de selecionar aquilo que melhor teria representado o próprio país para as futuras exposições (por exemplo, foi o fio condutor das exposições organizadas no Brasil, ANDERMANN 2008; TURAZZI, 2006; MORITZ SCHWARCZ, 2006).

Proporcional foi o interesse dos organizadores das exposições europeias para que as nações latino-americanas a elas aderissem, enquanto eles consideravam aquela área uma “terra de missão” na qual eles deveriam difundir tecnologias e inovações, para melhorar as condições de vida dos habitantes e alcançar uma maior ordem social. Por exemplo, *El Eco Hispáno-Americano*, publicação em língua espanhola em Paris entre 1854 e 1871 para informar os leitores espanhóis das duas pontas do Atlântico das inovações tecnológicas e dos progressos científicos e agrícolas alcançados nos dois continentes, precisamente em 1854, realizou uma maciça propaganda para que os países latino-americanos participassem da exposição de Paris em 1855 (LÓPEZ OCÓN CABRERA, 2002, p. 116).

Os juízos dos investidores europeus, ao invés, ainda eram bastante fragmentados: consideradas terras homogêneas do ponto de vista cultural e político, para alguns eram ainda atrasadas e pobres, marcadas de contínuas revoluções ou ditaduras (ORY, 1889), enquanto para outros, avaliando as próprias mudanças (ROUSSELET, 1890), as transformações e os progressos alcançados em meados do século, indicavam somente Argentina, Brasil e Chile entre as nações mais desenvolvidas e bem inseridas no caminho do progresso (DOSIO, 2006). E, neste sentido, foram simétricos os esforços dos diplomatas e dos políticos latino-americanos para demonstrar o progresso das respectivas nações. Em particular, emerge a atividade dos argentinos que, nos anos oitenta, alinhados com o programa do *roquismo*, tentaram construir e impor uma imagem de mudança, de ordem e de progresso que legitimasse o novo governo e a nova política, oposta a um passado de atraso e anarquia (MARTÍNEZ, 1906; GUTIÉRREZ, 1868; DOSIO, 1999).

### **As Exposições Universais e a alteridade do mundo colonial**



O consolidar-se da prática de organizar Exposições Universais inaugurada com a Grande Exposição londrina de 1851 se entrelaçou com a ideia de exibir naquelas mesmas sedes representantes daquelas populações primitivas e selvagens, já em via de extinção pelo avançar da civilização, essa também ali exposta. A contraposição entre atraso e desenvolvimento, primitivismo e civilização, indivíduo – ser selvagem e indivíduo – ser evoluído, era mais que nunca evidente naqueles espaços expositivos que, além disso, se tornaram lugares privilegiados dos antropólogos para a observação e o estudo daqueles povos distantes no tempo e no espaço. Já no Palácio Crystal de Londres em 1851, a alteridade do mundo colonial “irrompeu” nos estandes nacionais

“como um fenômeno que devia ser representado de maneira próxima e distante ao mesmo tempo. Se as conquistas do além-mar deviam ser nacionalizadas e expostas no interior dos pavilhões nacionais para sublinhar a grandeza do país conquistador, os países e a população colonizada deviam ser representados distantes, exóticos e diferentes dos colonizadores” (EVANGELISTI; PES, 2014, p. 2).

E foram mesmo os pavilhões exóticos a capturar a maior atenção dos visitantes na época: ligados aos exploradores e as colônias, aqueles mundos imaginados podiam finalmente serem vistos, conhecidos, ainda se de modo aproximado:

“o colonialismo, entendido como processo não apenas político e econômico, mas também cultural, encontrou no momento expositivo um dos instrumentos mais eficazes de difusão e de fixação da alteridade no imaginário europeu do final dos oitocentos” (EVANGELISTI; PES, 2014, p. 2).

Não se tem notícia ao invés, de exibições nas Exposições Universais, de indivíduos originários da América Latina, até aquela de Paris em 1889, quando a ela se juntaram onze fueguinos levados pelo empresário francês Maurice Maître, que vieram fechados em uma gaiola na área aos pés da Torre Eiffel, reservada às nações estrangeiras. Habitantes da Terra do Fogo, das ilhas e do Estreito de Magalhães pareciam pertencer a um passado distante, quase às origens da humanidade, e eram considerados criaturas miseráveis, desoladas e estúpidas, nos quais os traços do rosto reassumiam o nível de miséria e de desgraça na qual a humanidade pudesse reduzir-se. Fotografados em meados do Séc. XIX nas várias expedições científicas (BÁEZ; MASON, 2010), alguns depois foram conduzidos à Europa para serem exibidos no Jardim de Aclimação de Paris em 1881 e em outras cidades europeias e, destas



exibições, permaneceram as notícias na imprensa da época, nos relatos dos antropólogos e naturalistas, algumas memórias e também imagens, na qual não escapa o seu olhar triste, resignado e, as vezes, amedrontado (FERNÁNDEZ BRAVO, 2007; BÁEZ; MASON, 2010, p. 13, 40, 59-100).

Na exposição parisiense de 1889, foram mantidos na sujeira e sem cuidados, para acentuar neles o aspecto selvagem, e vinham apresentados como canibais, chamando a atenção de um público curioso e, sobretudo, aquela de Martin Gusinde (GUSINDE, 1981-1991) e de José Maria Beauvoir (BEAUVIOR, 1907), que nos seus escritos reconstruíram a estadia deles na Europa, não economizando críticas ao tratamento reservado. Foram depois exibidos no Aquário Westminster de Londres, suscitando muito interesse, mas também protestos da Sociedade Missionária Sul Americana, que obrigou o governo chileno a intervir, induzindo Maître a fugir primeiro para Bruxelas, para depois regressar à Inglaterra e embarcar em Dover em 1890, com destino à Punta Arenas, seis dos onze fueguinos: três foram de fato mortos e um permaneceu na Europa, por algum tempo ainda. Na viagem para casa, morreram outros dois e somente quatro conseguiram alcançar Punta Arenas, onde foram acolhidos pela Missão Salesiana. Alguns anos mais tarde, o mesmo missionário Beauvoir encontrou em Montevidéu um daqueles fueguinos, Luis Miguel Angel Kalafacte, o Calafacte, que lhe revelou os detalhes do acontecido e que se uniu ao missionário (ABBATTISTA, 2013; BÁEZ; MASON, 2004 y 2010; SCARZANELLA, 1995).

### **Os indígenas exibidos na América Latina: Chile, a Exposição Internacional (1875) e a Exposição Histórica do Colonialismo (1873)**

No contexto da transbordante modernidade exposta e procurada também na América Latina, foram identificadas duas exposições de indígenas: em 1873, a Exposição Histórica do Colonialismo em Santiago no Chile e, em 1898, a Exposição Nacional da Indústria em Buenos Aires.

Embora os contextos sejam distintos, enquanto no Chile a exposição se inseriu em uma manifestação voltada a recordar o passado colonial, na Argentina propôs-se o esquema da Exposição Universal, as duas exposições recorreram a mesma modalidade expositiva, isto é, veio reservado um espaço para mostrar indivíduos atrasados, selvagens e expoentes de uma raça agora em vias de extinção pelo avanço da civilização em suas terras. Lembra-se que nos



dois países o problema dos indígenas presentes ainda em algumas áreas do território “fora resolvido ou se estava resolvendo” com precisas campanhas militares – Pacificação da Araucanía (1860-1883), Conquista do Deserto (1880) e Guerra do Chaco (1884) – que haviam determinado a sua eliminação física e/ou assimilação forçada e, sobretudo, a subtração das suas terras, após colocadas à disposição dos investidores nacionais e estrangeiros para realizar seja o projeto de desenvolvimento econômico agroexportador, seja para afirmar as respectivas soberanias sobre aqueles espaços, para poder alcançar o estreito de Magalhães (remete-se, por exemplo a BOCCARA; SEGUÉL-BOCCARA, 1999; MANDRINI, 2008; MARTÍNEZ SARASOLA, 1996; MASES, 2010; DELRIO, 2010).

Num Chile projetado em direção à modernidade e ao progresso, a Sociedade Nacional de Agricultura – fundada em 1838 e pioneira na difusão de inovações tecnológicas para o setor agrícola – organizou em 1869 a primeira Exposição Nacional da Agricultura, a qual seguiram em 1872 a Exposição de Artes e Indústria, conhecida como Exposição do Mercado, e em 1875 a, muito mais importante, Exposição Internacional. Para esta última, no Parque Quinta Normal da capital, foi construído o edifício em estilo neoclássico francês – hoje sede do Museu Nacional de História Natural – que, em seguida, hospedou os estandes de 17 das 19 nações participantes (França e Bélgica tiveram um específico) e o público ficou realmente fascinado pelas surpreendentes máquinas expostas: por exemplo, uma bomba hidráulica de aríete, um modelo em miniatura de uma locomotiva em condições de percorrer encostas muito inclinadas, um equipamento para a extração de minerais e o projeto do sistema Krohnke para o trabalho dos metais e o isolamento da prata, o martelo pneumático Warsop e depois máquinas de recolher o milho, levantar a palha e a locomotiva Hornsby alimentada com os resíduos da palha. O *Correo de la Exposición*, isto é, a publicação oficial do evento, de setembro de 1875 a fevereiro de 1876, reproduziu estas e outras inovações com os relativos comentários em espanhol e francês (HERNÁNDEZ, 2006, p. 267-268).

Finalmente, em 17 de setembro foi inaugurada, no Palácio dos Governadores da capital, a Exposição Histórica do Colonialismo, que permaneceu aberta por mais de um mês e chamou muito público. Dividida em 12 seções, com a exibição de mais de 600 objetos (VICUÑA MACKENNA, 1873; ALEGRÍA LICUIME, 2007), inseria-se no programa do Intendente da capital Benjamín Vicuña Mackenna, que assumiu o cargo em 1872 e havia prometido um programa de renovação da cidade, que compreendia também a organização de exposições e de feiras e a inauguração de monumentos. Em particular, com aquele evento, o Intendente



desejava mostrar o progresso realizado pela nação que, da remota colônia espanhola, era-se transformada com sofrimentos e sacrifícios, em um estado soberano, independente e desenvolvido. Considerava, portanto, necessário localizar e conservar os registros do passado colonial, que temia serem perdidos, destruídos ou esquecidos de um Chile, em geral, e de uma Santiago, em particular, já projetados em direção ao progresso e à modernidade. Explicava de fato:

“Agrupar estos tesoros mal conocidos, clasificar esos utensilios humildes pero significativos, reorganizar en una palabra la vida exterior del coloniaje con sus propios ropajes, i prestarle, mediante la investigacion i el método una vida pasajera para exhibirla a los ojos de un pueblo inteligente pero demasiado olvidadizo, hé aquí la mira filosófica de este propósito” (VICUÑA MACKENNA, 1872-1873, p. 37).

Nesta exposição foram exibidos alguns indígenas provenientes das regiões meridionais do país (HERNÁNDEZ, 2006, p. 268-269), enquanto representantes da “otra cara de la nación” ou ‘el otro’, em contraposição ao mundo civilizado ou em via de desenvolvimento, do qual o Chile já fazia parte e que estava penetrando nos seus territórios.

Contribuíam, além disso, ao perfil circense da exibição (ALEGRÍA LICUIME, et al, 2009, p. 5), outros “testemunhos da história”: os veteranos das guerras de independência que entretinham os mais jovens com seus relatos de batalhas e de feitos heroicos, mostrando orgulhosos as feridas de guerra e as condecorações recebidas. Além disso, havia um “legítimo negro de Lima” como o definia Vicuña Mackenna (1873, p. IV-V), que vendia os bilhetes de entrada e também era o guia, cuja presença como afrodescendente, mas estrangeiro – observa Schell – “distanciava o Chile da África e a escravidão do seu passado, ao mesmo tempo em que associava o Peru com mestiçagem e às implicações da barbárie imposta a essa sociedade” (SCHELL, 2003, p. 5).

Entre os artigos que a imprensa da época dedicou a exposição, alguns anunciavam a participação dos indígenas, evidenciando neles o caráter antropofágico e selvagem: *El Independiente*, de 17 de setembro de 1873, antecipava a presença de José Esti, da Terra do Fogo, um:

“indiecito que fué apresado dos meses há, por el gobernador de la colonia de Magallanes a bordo de una goleta cuyo capitan, contraestre i tres marineros habian sido comidos por Esti i dos de sus companeros... Es para no creerlo pero hai que creerlo o reventar, los patagones, con sus asquerosos trajes i sus repelentes figuras, estan siendo los leones de curiosos i curiosas.



Se les lleva a la exposicion, se les pasea por las calles i hasta se les introduce en algunas casas respetables "(citado por ACUÑA Farina, 2013, p. 10).

Também, *El Mercurio*, de 23 de setembro de 1873, anunciava a exibição dos indígenas com alguns detalhes que colocavam ainda mais em evidência as suas características “selvagem e antropofágica”:

“El mismo martes se exhibirá en la exposición al indio fueguino antropófago, el mismo que con dos de su calidad y de la Tierra del Fuego se comió a un contra maestro y tres marineros de una goleta que encalló y naufragó hace poco tiempo en la Tierra del Fuego, pareciendo casi todos los tripulantes victimas de la voracidad de los fueguinos, hambrientos de carne humana, habiendo capturado el gobernador señor Viel al indio que ahora se halla en esta capital enviado por aquella autoridad. Sintiendo algo enfermo el fueguino susodicho, pues decía que estaba algo hinchado, se le propuso ayer darle un remedio de botica; pero él lo desechó agregando: - Lo que me sentaría bien sería un niño crudo o asado, lo que sería mejor” (citado por ALEGRÍA LICUIME et al. 2009, p. 5).

Sobre o tema, o jornal retomava em 27 de setembro, contando os infortúnios que tinham marcado a viagem dos fueguinos para Santiago, de tal maneira a abrir o artigo com a frase “Pobres fueguinos!” e prosseguir:

“Pues, señores, ha sucedido que los tales fueguinos hallaron en su viaje a Santiago un viaje en tren directo a la otra vida. El uno se troncho en el camino horriblemente una pierna. El otro se halla enfermo de gravedad en el cuartel de policía. Este último es el fueguino José, que manifiesta una resistencia tenaz a los recursos de la medicina. Antes que entre cataplasmas y lancetas, quiere morir a la moda de su tierra. La enfermedad principió por una ligera indisposición. José estaba en cama y de sudor; pero esto le pareció demasiado molesto y en una buena mañana tomó camino del río y se hecho al agua. Hoy se encuentra con una pulmonía de que parece no ... Ayer se quiso trasladar al hospital; pero sus companeros se resitieron llorando a que los separasen de él” (citado por ALEGRÍA LICUIME et al. 2009, p. 5).

Por fim, no número de 29 de setembro, um artigo anunciava a sua partida:

“Los patagones y fueguinos después de haberse exhibido, parten a su tierra antes que el clima y la falta de carne humana los haga perecer. Una patagona, a pesar de que se halla enferma de alguna gravedad, parece que ha revivido a la noticia que volvería luego a la tierra de los hielos y de su nacimiento” (citado por ALEGRÍA LICUIME et al. 2009, p. 5).



## **Argentina: da Exposição de Córdoba (1871) à Exposição Nacional da Indústria de Buenos Aires (1898)**

Em vinte anos, a Argentina organizou quatro exposições de diferentes níveis, encorajados pelos bons resultados obtidos da participação do país nas exposições universais de Paris em 1855 e em 1867. A primeira foi a Exposição dos Produtos do Solo e da Indústria Argentina de Córdoba em 1871, a qual seguiram três iniciativas em Buenos Aires: em 1877 a Exposição Industrial Argentina, em 1882 a Exposição Continental Sul-Americana e, em 1898, a Exposição Nacional da Indústria. Da exposição de Córdoba, foi promotor o presidente Sarmiento (BOIXADÓS, 2009), que bem resumiu no discurso inaugural o espírito da iniciativa e daquelas futuras:

“Agrupamos aquí por la primera vez los elementos que revelan nuestro modo de ser presente y los que mediante el trabajo prometen medios de subsistencia para millones de habitantes en lo futuro [...] Que este ensayo sea el precursor de nuevas manifestaciones más perfectas de nuestra cultura, y que la Exposición de 1871, abra la serie de las exhibiciones con que nos presentaremos al mundo reclamando un puesto honroso entre las naciones civilizadas” (SARMIENTO, 1871).

A Exposição Industrial Argentina de 1877 em Buenos Aires foi organizada pelo Clube Industrial no Pátio do Colégio Nacional de Buenos Aires (ANDERMANN, 2008, p.211), para promover os produtos da nascente indústria nacional, que tinha registrado, só na capital, o nascimento de 6.128 novas atividades. As primeiras exposições dos produtos agrícolas de 1856-1857 estavam na área de Palermo, na periferia da capital, em terrenos de propriedade do ex-governador Rosas, como uma espécie de punição do caudilho, que tinha governado de fato o país de 1835 a 1852. Suspensa pela tensão entre Buenos Aires e as Províncias, recomeçaram em 1875, após a fundação da Sociedade Rural Argentina em 1866 e na véspera da apresentação de novas tecnologias que teriam permitido a conservação da carne e, portanto, um incremento na exportação.

A Exposição Continental Sul-Americana organizada em 1882 teve, ao invés, um fim muito ambicioso, já que aspirava mostrar, em geral, a superioridade argentina em relação aos outros países latino-americanos e, em particular, da cidade de Buenos Aires como capital não só da Argentina, mas também sul-americana. Desenvolveu-se de março a novembro de 1882, em um pavilhão de cerca de 18.000 m<sup>2</sup> montado na área do mercado hortofrutícola na zona



oeste da cidade, hoje praça Onze de Setembro. A manifestação chamou mais de 260.000 visitantes, com os seus 2.038 produtos nacionais e os 1.194 produtos estrangeiros expostos, das 11 nações participantes (ANDERMANN, 2008, p. 213; DOSIO, 2006).

Finalmente, foi a Praça de San Martín em 1898 a hospedar a Exposição Nacional da Indústria<sup>3</sup>, de um atraente edifício nascido da união de duas estruturas já presentes na praça: a construção projetada pelo arquiteto Carlos Morra para a Confeitaria e Cervejaria Bieckert, agora fechada, e o pavilhão argentino em vidro e ferro decorado com estátuas de bronze, projeto realizado pelo arquiteto francês Albert Ballu para a Exposição Universal de Paris de 1889, que, uma vez concluída, tinha sido desmontada, transportada a pátria e remontada na praça (1894). Após a exposição de 1898, o pavilhão hospedou o Museu Nacional de Bellas Artes de 1910 a 1933, quando foi desmantelado definitivamente e o Museu transferido.

Ao evento, o semanal *Caras y Caretas* dedicou alguns artigos e comentou, em 22 de outubro, a inauguração com as seguintes palavras:

“Las damas más distinguidas de Buenos Aires llenaban los amplios salones, curioseando las novedades y agregando una nota graciosa y simpática á aquel hermoso conjunto en que están representadas todas las fuerzas vivas de la patria [...] Alegra la vista y levanta el ánimo contemplar los brillantes escaparates, que rebosan de artículos que hasta hace poco eran renglón de importación europea; los hermosos kioscos, formados con la materia prima de industrias diversas que el país exportará y las instalaciones caprichosas en que nuestros comerciantes afamados presentan sus mercaderías” (*Caras y Caretas*, 22 de octubre de 1898, p. 12-13).

E de fato, às inovações tecnológicas acrescentaram-se a coleção de minerais das províncias de La Rioja, Salta, San Juan, Córdoba, Mendoza e San Luis, apresentado pelo Departamento de Minas e Geologia, e alguns objetos das coleções de arqueologia, etnografia, criminologia, botânica e zoologia do Museu Provincial de Corrientes, dirigido por Pietro Scalabrini. De grande apelo foram a ascensão do balão aerostático Nansen e a apresentação do telefone<sup>4</sup> de Meucci.

Foi nesta manifestação que foi organizada a exibição de duas famílias de fueguinos Ona que chegaram à exposição já iniciada em 3 de novembro de 1898, trazidas pelo governador da Terra do Fogo, o tenente coronel Pedro Godoy, e que foram expostas por cerca

<sup>3</sup> Em 2014 apareceu na internet a notícia curiosa do anuncio da venda de algumas partes da construção desmontada e depositada em uma propriedade privada na periferia da capital, apesar de que havia sido inserido entre os bens culturais da cidade pela legislação de Buenos Aires em 2009 (PAGANO, 2014).

<sup>4</sup> Telefone eletromagnético denominado de “teletrofono”, precursor do telefone.



de um mês na Seção Feminina do Pavilhão, onde eles recriaram o seu ambiente de modo que pudessem ser observados na vida cotidiana (Caras y Caretas, 12 de noviembre de 1898, n. 6, p. 8-9; BALLESTERO, 2011).

A imprensa da época deu espaço a iniciativa com informações e descrições do quanto os visitantes poderiam observar, salientando o contraste entre o elemento inovador dos objetos expostos nas várias seções e o atraso, o aspecto selvagem e primitivo das duas famílias fueguinas. Explicava-se que a transferência “a la exposición [de] toda la vida salvaje y pintoresca del extremo de nuestro territorio” (La Nación, 3 de noviembre de 1898, p. 5 citada por BALLESTERO, 2011, p. 796) permitiria ao público argentino conhecer “directamente los seres inferiores que pueblan todavía parte de la República” (La Prensa, 4 de noviembre de 1898, p. 3 citada por BALLESTERO, 2011, p. 796). Instigava-se a curiosidade do público, com o aviso de que os indígenas trariam consigo

“todos sus implementos usuales del trabajo, cueros curtidos, pieles, aves disecadas y otros artículos en que esos indígenas comercian [...] ante el público harán flechas, arcos y otros utensilios de que se sirven” (La Nación, 25 de octubre de 1898, p. 3, citada por BALLESTERO, 2011, p. 796).

Em um longo artigo - quase uma espécie de guia para o visitante – publicado em *La Prensa*, de 7 de novembro de 1898, esboçava-se uma descrição da vida e dos costumes de:

“estos retardatarios de la humanidad que viven aun en el territorio argentino; pero que lentamente van desapareciendo o transformándose, debido a la influencia creciente de las fuerzas civilizadoras” (citada por BALLESTERO, 2011, p. 807).

Os indígenas expostos chamaram muitos visitantes, talvez além de toda a expectativa, tanto que se tornou necessário a instalação de um espaço para conter o público. Aos muito curiosos, somaram-se estudiosos, sobretudo antropólogos – entre os quais, lembra-se o alemão R. Lehmann-Nitsche, ao qual era dada/oferta a possibilidade de observar cientificamente alguns “exemplares” de populações consideradas em vias de extinção, distantes no tempo e no espaço. Após passados dois meses no pavilhão, os Ona empreenderam a viagem de retorno as suas terras, recebendo – antes de partir – uma compensação em gado (ovelhas e vacas), em um total de 300 pesos, que talvez, comentava *La Nación*, “los indios son capaces de comerse [...] en cuatro días”, enquanto *La Prensa*



anunciava a chegada de cerca de duzentos Calchaquís para uma nova exibição (**La Nación**, 18 de diciembre de 1898, p. 4, e **La Prensa**, 26 de noviembre de 1898, citados por BALLESTERO, 2011, p. 801).

**Imagem 1:** Os indígenas exibidos em Buenos Aires em 1898



Fonte: Caras y Caretas, 12 de noviembre de 1898, Buenos Aires, p. 8.

## Conclusão

A discriminação, a assimilação forçada e a eliminação física sofrida pela população originária desde a época da conquista e da colonização se estendeu a toda a América Latina ainda no Séc. XIX, quando a necessidade de consolidar a identidade nacional dos Estados nascidos do desmembramento dos vice-reinados coloniais espanhóis fez com que as novas elites políticas, compostas de crioulos e de mestiços, promovessem uma nação branca e homogênea, onde os cidadãos dividiriam a mesma língua, cultura e descendência. Enquanto ainda estavam em curso os confrontos entre os exércitos espano-coloniais e aqueles



revolucionários-nacionais, os governos independentes aboliram de fato os privilégios aristocráticos e eclesiásticos dos quais gozara a elite colonial, proclamaram a lei do ventre livre de escravos, na qual os filhos nascidos estariam livres, e revogaram as instituições jurídicas que ligavam os indígenas aos colonos (por exemplo, repartimiento, mita e encomienda).

Transversalmente, por meio de uma “integração simbólica”, as Constituições dos novos Estados estenderam a categoria de cidadãos a todos os indivíduos que fariam parte de uma nação e de uma só população – por exemplo, a Venezuela no texto de 1811 eliminou a tutela para aqueles cidadãos até aquele momento chamados “índios” (art.200-201), e a Argentina na Constituição de 1819 dispunha que, sendo os indígenas iguais em dignidade e direitos aos outros cidadãos, estariam regidos pelas mesmas leis (art.128), enquanto nos discursos individuais de cada nacionalidade não havia nenhuma referência ao componente indígena da população, ainda quando constituía a maioria (TREVIGNO, 2010).

“El Estado de Derecho concebido por los países de América Latina en el siglo XIX, se basó en concepciones napoleónicas de unidad del Estado e igualdad de todos los habitantes ante la Ley, conforme a los principios un sólo Estado, una sola Nación, un sólo pueblo, una sola forma de organizar las relaciones sociales, una sola Ley, una sola administración de Justicia. Dentro de este entorno conceptual la igualdad de todos los ciudadanos, cualquiera fuera su origen, tenía carácter de axioma. Si bien no se negaba la existencia de realidades sociales diferentes entre los distintos grupos étnicos que cohabitaban en el seno del Estado, éstas no podían tener efecto jurídico alguno: todos somos iguales ante la Ley; nadie puede invocar la ignorancia de la Ley; dura lex sed lex” (BRONSTEIN, 1998, p. 1).

Quando, porém, emergiu que a “presença física” de algumas comunidades originárias nos respectivos territórios nacionais teria de qualquer modo frustrado a realização de projetos político-institucionais, geopolíticos, econômicos e sócios-culturais, cada governo enfrentou o assim chamado “problema indígena” com extrema determinação, promovendo políticas de assimilação forçada, segregação ou, até mesmo, a eliminação física, que levaram a subtração de boa parte de suas terras, na sequência doadas ou vendidas a investidores nacionais ou estrangeiros, para realizar o projeto de desenvolvimento econômico primário exportador e que frequentemente aumentaram os latifúndios existentes.

Alinhado com o contraste “civilização e barbárie”, o indígena considerado pela Constituição da época um selvagem, um ignorante e um incapaz, que as instituições deveriam proteger, instruir e inserir na sociedade civilizada – por exemplo, o Chile no texto de 1822



atribuía ao Congresso a tarefa de ocupar-se da “civilización de los indios del territorio” (art.47); o Peru nos textos de 1823 e de 1828 renovava a necessidade de os civilizar ou de atraí-los para a sociedade por meios pacíficos; e, finalmente, a Argentina na Constituição de 1853 de promover a sua “conversión al catolicismo” (art.67 inc.15) – aproximou-se a imagem de um indígena sempre selvagem, que porém, devia-se guerrear, e é neste contexto que se inseriram as citadas campanhas militares contra as populações originárias que habitavam os territórios do extremo sul do continente, tidas como Conquistas do Deserto (1880) e Guerra do Chaco (1884), na Argentina, e Pacificação da Araucanía (1860-1883), no Chile, que foram de fato justificadas como instrumentos para realizar os projetos de consolidação do controle sobre o território e de desenvolvimento econômico das respectivas nações.

Sob uma perspectiva eurocêntrica, foi levado adiante o processo de homogeneização da “sociedade imaginada” através da eliminação, da assimilação ou exclusão de um ou mais de seus componentes, isto é, crioulos, negros, indígenas e mestiços.

Inseridas nestes contextos, as Exposições Universais, com as suas transbordantes modernidades e entrelaçadas com a história das relações entre Argentina e Chile e os povos originários ainda presentes nos respectivos territórios, as exibições de indivíduos originários do extremo sul do continente latino-americano, repercutiram no presente escrito, colocando-se entre espetáculo, entretenimento, divulgação e propaganda representando o cenário ideal para expressar a “hierarquia das raças”. Em particular, os protagonistas das exibições deviam “recitar a sua inferioridade”, seja para esclarecer as dúvidas da comunidade científica sobre a origem do homem e permitir a “catalogação das várias raças”, seja para convencer o público que fossem uma imagem antiga que não pudesse existir no presente, alguma coisa “diferente”, uma cultura em vias de extinção com o avanço do neocolonialismo nas suas variações de progresso e civilização.

O conceito de raça, construído sobre características fenotípicas e das quais a história e a evolução o desprenderam nos séculos, justificou os processos de “dominação interna” nas jovens nações latino-americanas (e não só), nas quais a superioridade da raça branca e europeia se contrapunha a inferioridade e a “selvageria” dos habitantes das áreas periféricas (ANDERSON, 1993; SAID, 1996), entrelaçando-se com o conceito de etnicidade mais vinculado à identidade cultural, esta também destinada a desaparecer (WADE, 2000).

## **Bibliografia**



- ABBATTISTA, Guido. **Umanità in mostra. Esposizioni etniche e invenzioni esotiche in Italia (1880-1940)**. Trieste: Edizioni Università di Trieste, 2013.
- ACUÑA FARIÑA, Constanza. La fortuna crítica del arte colonial en Chile: entre la avanzada del progreso, la academia y la sobrevivencia del pasado. En **Perspectivas sobre el Coloniaje**. Estudio introductorio, presentaciones y notas de Constanza ACUÑA FARIÑA, Santiago de Chile: Ediciones Universidad Alberto Hurtado, 2013, p. 7-19.
- ALEGRÍA LICUIME, Luis. Las colecciones del Museo Histórico Nacional de Chile: ‘Invencción o construcción patrimonial’. *Anales del Museo de América*, 15, 2007, p. 237-248.
- ALEGRÍA LICUIME, Luis, GÄNGER, Stefanie, POLANCO, Gabriela. Momias, cráneos y caníbales. Lo indígena en las políticas de ‘exhibición’ del Estado chileno a fines del siglo XIX. **Nuevo Mundo/Mundos Nuevos**, 3 de febrero de 2009. Disponible en: <http://nuevomundo.revues.org> (último acceso: 10/07/2016).
- ANDERMANN, Jens. Contienda de valores: Argentina y Brasil en la edad de las exposiciones. **Cuadernos de Literatura** (Bogotá), v, 13, julio-diciembre, 2008, p. 190-224.
- ANDERSON, Benedict. **Immagined Communities. Reflexions on the Origin and Spread of Nationalism**, London: Verso, 1993.
- BÁEZ, Christian; MASON, Peter. Detrás de la Imagen. Los Selk’nam Exhibidos en Europa en 1889. **Revista Chilena de Antropología Visual**, n. 4, Julio 2004, p. 253-267.
- BÁEZ, Christian; MASON, Peter. **Zoológicos humanos. Fotografías de fueguinos y mapuche en el Jardin d’Acclimatation de París, siglo XIX**. Santiago de Chile: Pehuén, 2010.
- BALLESTERO, Diego A. Los ‘fueguinos’, Robert Lehmann-Nitsche y el estudio de los onas en las Exposición Nacional de Buenos Aires (1898). **Historia, Ciencia, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, julio-septiembre, 2011, p. 789-810.
- BANCEL, Nicolas; BLANCHARD, Pascal; BOETSCH, Gilles; DEROO, Eric, LEMAIRE, Sandrine (ed.). **Zoos humains, de la vénus hottentote aux reality shows**. Paris: La Découverte, 2002.



- BEAUVOIR, Giuseppe Maria. **Piccolo album di ritratti di Indigeni Fueghini e Patagoni e varie vedute delle missioni salesiane della Patagonia meridionale e della Terra del Fuoco, con brevi note esplicative.** Torino: Tipografia Salesiana, 1907.
- BOCCARA, Guillaume; SEGUEL-BOCCARA, Ingrid. Políticas indígenas en Chile (siglos XIX y XX) de la asimilación al pluralismo (el caso mapuche). **Revista de Indias**, n. 217, vol. LIX, 1999, p. 741-774.
- BOIXADÓS, Cristina. Una ciudad en exposición. Córdoba, 1871. En: DI LISCIA, María Silvia; LLUCH, Andrea (eds.). **Argentina en exposición. Ferias y exhibiciones durante los siglos XIX y XX.** Sevilla: CSIC, 2009, p. 147-171.
- BORRI, Claudia. Missionari anglicani in Terra del Fuoco. **Miscellanea di studi sulle esplorazioni**, Genova, XXVI, 2001, p. 171-216.
- BRAVO, Luis. **América y España en la exposición universal de Paris de 1889.** Parigi: Imprimerie Administrative Paul Dupont, 1890.
- BRONSTEIN, Arturo S. Hacia el reconocimiento de la identidad y de los derechos de los pueblos indígenas en América Latina: Síntesis de una evolución y temas para reflexión, OIT, Equipo Técnico Multidisciplinario (ETM), San José de Costa Rica, noviembre de 1998. Disponible en: <http://www.ilo.org/public/spanish/region/ampro/mdtsanjose/indigenous/bronste.htm> (último acceso: 4/09/2016).
- Correo de la Exposición**, Santiago de Chile, 16 de septiembre de 1875, n. 1 – 26 de enero de 1876, n. 12. Disponible en: <http://www.memoriachilena.cl/602/w3-article-597.html#documentos>, (último acceso: 30/01/2015).
- DELRIO, Walter Mario. **Memorias de expropiación. Sometimiento e incorporación indígena en la Patagonia (1872-1943).** Bernal: Universidad Nacional de Quilmes Editorial, 2010.
- DEMEULENAERE-DOUYÈRE, Christiane. Expositions internationales et images nationale: les pays d'Amérique latine entre pittoresque 'indigène' et modernité proclamée. **Diacronie. Studi di Storia contemporanea: Le esposizioni: propaganda e costruzione identitaria**, n. 18, 2, 2014. Disponible en: <http://www.studistorici.com/2014/06/29/sommario-numero-18/> (último acceso: 30/01/2015).



- DI LISCIA, María Silvia; LLUCH, Andrea (eds.). **Argentina en exposición. Ferias y exhibiciones durante los siglos XIX y XX.** Sevilla: CSIC, 2009.
- DOSIO, Patricia Andrea. Imágenes, discursos. Un estudio sobre la Exposición Continental de 1882. *Arte argentino de los siglos XVIII y XIX.* Buenos Aires: Telefónica de Argentina, FIAAR, 1999.
- DOSIO, Patricia Andrea. Juego de miradas: el arte en las exposiciones internacionales argentinas (1882-1910). En: GONZÁLEZ STEPHAN, Beatriz; ANDERMANN, Jens (eds.). **Galerías del progreso: museos, exposiciones y cultura visual en América latina.** Rosario: Beatriz Viterbo, 2006, p. 295-330.
- EVANGELISTI, Francesco; PES, Alessandro. Nota introduttiva. **Diacronie. Studi di Storia contemporanea,** n. 18, 2/2014. Disponible en: <http://www.studistorici.com/2014/06/29/sommario-numero-18/> (último acceso: 30/01/2015).
- FERNÁNDEZ BRAVO, Alvaro. Entre lo animal y lo humano: fueguinos en las ferias, 1881-1889. Captura, exhibición e identidades colectivas. *Estudios. Revista de Investigaciones literarias y culturales,* 30, 2007, p. 251-277.
- FERNÁNDEZ BRAVO, Alvaro. Las fronteras de lo humano: fueguinos en las ferias mundiales, 1881-1889. En: DI LISCIA, María Silvia; LLUCH, Andrea (eds.). **Argentina en exposición. Ferias y exhibiciones durante los siglos XIX y XX.** Sevilla: CSIC, 2009, p. 85-113.
- GONZÁLEZ STEPHAN, Beatriz; ANDERMANN, Jens (eds.). **Galerías del progreso: museos, exposiciones y cultura visual en América latina.** Rosario: Beatriz Viterbo, 2006.
- GUSINDE, Martín. **Los indios de la Tierra del Fuego: resultado de mis cuatro expediciones en los años 1918 hasta 1924, organizadas bajo los auspicios del Ministerio de Instrucción Pública de Chile.** Buenos Aires, Centro Argentino de Etnología Americana, 4 t. en 9 voll., 1982-1991. Disponible en: <http://www.memoriachilena.cl/602/w3-article-3602.html#bibliografia> (último acceso: 30/01/2015).
- GUTIÉRREZ, Juan M. **La República Argentina en la Exposición Universal de Paris 1867.** Buenos Aires: Imprenta del Porvenir, 1868.



- HERNÁNDEZ, Carmen. Chile a fines del siglo XIX: exposiciones, museos y la construcción del arte nacional. En: GONZÁLEZ STEPHAN, Beatriz; ANDERMANN, Jens (eds.). **Galerías del progreso. Muesos, exposiciones y cultura visual en América latina.** Rosario: Beatriz Viterbo Editora, 2006, p. 261-294.
- HERRERA FERIA, María de Lourdes. Los actores locales de la modernidad a finales del siglo XIX: expositores poblanos en las exhibiciones mundiales. **Nuevo Mundo/Mundos Nuevos**, 2009. Disponible en: <http://nuevomundo.revues.org/55555> (último acceso: 30/01/2015).
- LÓPEZ OCÓN CABRERA, Leoncio. La América latina en el escenario de las exposiciones universales del siglo XIX. **Revista Ecuatoriana de Historia**, n. 18, 2002, p. 103-126.
- Los indios fueguinos. **Caras y Caretas**, n. 6, 12 de noviembre de 1898, p. 8-9.
- MANDRINI, Raúl. **La Argentina aborígen, De los primeros pobladores a 1910.** Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2008.
- MARTÍNEZ SARASOLA, Carlos. **Nuestros paisanos los indios. Vida, historia y destino de las comunidades indígenas en la Argentina.** Buenos Aires: Emecé, 1996, 4° ed.
- MARTÍNEZ, Alberto. **L'Argentine au XXème siècle.** Paris: Librairie Armand Colin, 1906.
- MASES, Enrique Hugo. **Estado y cuestión indígena. El destino final de los indios sometidos en el sur del territorio (1878-1930).** Buenos Aires: Prometeo, 2010.
- MORITZ SCHWARCZ, Lilia. Os tropicos como espetáculo: a participação brasileira nas exposições universais de finais do século XIX. En: GONZÁLEZ STEPHAN, Beatriz; ANDERMANN, Jens (eds.). **Galerías del progreso. Muesos, exposiciones y cultura visual en América latina.** Rosario: Beatriz Viterbo Editora, 2006, p. 195-220.
- MOURÃO, José Augusto; CARDOSO DE MATOS, Ana María, GUEDES, Maria Estela, (coord.). **O mundo Ibero-Americano nas Grandes exposições.** Lisboa: Editora Veja, 1998.
- Notas de la exposición, **Caras y Caretas**, n. 3, 22 de octubre de 1898.
- NUSENOVICH, Marcelo. La Exposición Nacional de 1871 en Córdoba como espacio ritual: algunas consideraciones. Disponible en: [http://territorioteatral.org.ar/html.2/articulos/pdf/n9\\_01.pdf](http://territorioteatral.org.ar/html.2/articulos/pdf/n9_01.pdf) (último acceso: 10/01/2015).
- Los Onas. Su vida y costumbres. Ideas sobre las prácticas de las sociedades civilizadas. Una visita a los que se exhiben en el certamen nacional. **La Prensa**, Buenos Aires, 7 de noviembre de 1898 [reproducido en BALLESTERO, Diego A. Los 'fueguinos', Robert



- Lehmann-Nitsche y el estudio de los onas en las Exposición Nacional de Buenos Aires (1898). **Historia, Ciencia, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, julio-septiembre de 2011, p. 807-810].
- ORY, Pascal. **1889, La mémoire des siècle. L'Expo Universelle**. Bruxelles, Editions Complexe, 1889.
- PAGANO, María. Venden por internet los restos del Pabellón Argentino de 1898, *La Nación*, 21 de mayo de 2014.
- ROUSSELET, Louis. **L'Exposition Universelle de 1889**. Paris: Hacette, 1890.
- SAID, Edward. **Cultura e imperialismo**. Barcelona: Anagrama, 1993.
- SARMIENTO, Domingo Faustino. **Discurso de Sarmiento al inaugurar en Córdoba la Exposición Nacional de la Industria y Productos Argentinos** (15 de octubre de 1871). Disponible en: <http://constitucionweb.blogspot.it/2010/08/discurso-de-sarmiento-al-inaugurar-en.html> (último acceso: 4/09/2016)
- SCARZANELLA, Eugenia. Indiani e 'cacciatori d'ombre' in Tierra del Fuego: note su fotografia, etnografia e storia. **Storia contemporanea**, a. XXVI, n. 4, agosto 1995, p. 619-635.
- SHELL, Patience A. Desterrando el Futuro con el pasado en Mente. Exhibiciones y Museos en Chile a finales del siglo XIX, 2003. Disponible en: <http://www.bbk.ac.uk/ibamuseum/texts/schell03sp.htm> (último acceso: 28/07/2014).
- SOSA, Norma. De la Patagonia al Primer Mundo. Fueguinos en zoológicos humanos. **Todo es Historia**, n. 485, 2006-2007, p. 64-77.
- TENORIO TRILLO, Mauricio. **Artilugio de la nación moderna: México en las exposiciones universales, 1880-1930**. México: Fondo de Cultura Económica, 1998.
- TREVIGNO, Alvaro. La emergencia de los derechos indígenas y su planteamiento en las Constituciones latinoamericanas. **Trabajos y Ensayos**, n. 12, julio de 2010, p. 1-17.
- TURAZZI, Inez Maria. Imagens da nação: a Exposição de História do Brasil de 1881 e a construção do patrimônio iconográfico. En GONZÁLEZ STEPHAN, Beatriz; ANDERMANN, Jens (eds.). **Galerías del progreso. Muesos, exposiciones y cultura visual en América latina**. Rosario: Beatriz Viterbo Editora, 2006, p. 117-150.
- VANGELISTA, Chiara. **Política tribale. Storia de Bororo del Mato Grosso, Brasile, Le alleanze (sec. XIX-XX)**. Torino: il Segnalibro, 2008, vol. II, p. 69-79



VICUÑA MACKENNA, Benjamín. La exposición del coloniaje. Carta Familiar. **Revista de Santiago**, 1872-1873, p. 341-355.

VICUÑA MACKENNA, Benjamín. **Catálogo razonado de la Exposición del Coloniaje celebrada en Santiago de Chile en setiembre de 1873 por uno de los miembros de su comisión directiva.** Santiago de Chile, Impr. del Su-América, 1873. Disponible en: <http://www.memoriachilena.cl/602/w3-article-561.html#documentos> (último acceso: 30/01/2015).

WADE, Peter. **Raza y etnicidad en Latinoamérica.** Quito: Ediciones Abya-Yala, 2000.

Recebido em: 15 de novembro de 2016

Aprovado em: 02 de julho de 2017.